

## A RELAÇÃO PERVERSA COMO DEFESA CONTRA A PSICOSE RELACIONAL FAMILIAR

**CARLOS, Silvia.Z.Fauze**

Mestre em Psicologia pela PUC – SP

Docente do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde de Garça

### RESUMO

Este artigo tem por objetivo demonstrar, através da análise de um caso específico, que a relação perversa, sadomasoquista, que a paciente criou em suas relações na vida adulta foi a maneira que encontrou para se defender da psicose relacional familiar. A Teoria dos Campos sugere que o não rompimento do campo relacional mãe-filha ocasiona a manutenção da relação perversa por parte da filha. De acordo com Bleger e de Melanie Klein a paciente não conseguiu alcançar a individuação de uma maneira contínua. Foi possível observar melhoras no transcórre do processo analítico.

**Palavras – chave:** relação perversa, Teoria dos Campos, Psicanálise, Bleger, Melanie Klein

### ABSTRACT

The aim of this article, an analytic case study, is to demonstrate that the perverse and sadomasochist relationships of the patient formed throughout her adult life were the result of the strategies she developed to defend herself in a psychotic familial relationship. The Theory of the Fields suggests that the unbroken field of the mother-daughter relationship causes the continuance of the perverse relationship model by the daughter. The theories put forth by Bleger and Melanie Klein, the patient is not able to achieve definitive individuality. In the course of the analytic process, it was possible to observe improvements.

**Key–Words:** Perverse Relationship, Theory of the Fields, Psychoanalysis, Bleger, Melanie Klein.

## INTRODUÇÃO

O trabalho clínico, com crianças que apresentavam distúrbios de linguagem ou outras deficiências, permitiu-me observar mães que paralisavam suas vidas, justificando que assim procediam para seus filhos. Parece-me que o inverso também é verdadeiro e corresponde ao observado. Muitas vezes os filhos ficavam demasiadamente dependentes, vivendo em função da mãe, o que estagnava o seu desenvolvimento emocional, motor ou cognitivo.

Uma possível explicação se encontra na proposição de Mannoni (1995) a respeito do significado do nascimento de um filho para uma mulher. Segundo a autora, a mãe busca na criança que vai nascer a recompensa ou a repetição de sua infância, procurando com o filho preencher o vazio que ficou no seu passado, criando uma imagem fantasmática que irá se sobrepor à pessoa real do filho. Assim, a criança já vem ao mundo com uma missão determinada: restabelecer e, reparar aquilo a que a mãe teve que renunciar.

Para Mannoni (1995):

O filho, destinado a preencher a falta de ser da mãe, não tem outra significação senão existir para ela e não para si próprio. Responder à demanda da mãe é, por assim dizer, criar sempre um mal entendido, visto que, para além do que a mãe formula, é outra coisa que ela visa – mas ela não tem consciência. E a toda pretensão do filho à autonomia vai corresponder imediatamente o desaparecimento, para a mãe, do suporte fantasmático de que ela tem necessidade.

Todo desejo de despertar, por parte do filho, vai ser sistematicamente combatido pela mãe – até que ele acabe por persuadir-se de que “não pode”. Em todo caso, é na medida em que “não pode” que ele ocupa a mãe e é amado por ela (p.42-43).

No livro “Como Água para Chocolate”, de Laura Esquivel (1997), a

filha mais nova, Tita teve seu destino traçado pela mãe. Isto se percebe em diversas passagens do livro, como nessa fala de Tita: “Não posso casar nem ter filhos porque tenho que cuidar de minha mãe até ela morrer” (p.65).

A partir de atendimentos realizados no trabalho clínico foi possível observar, em alguns pacientes adultos, que suas mães determinavam os caminhos que eles, filhos, deveriam seguir. Esta atitude é tomada com o aval da família, acarretando muitas vezes em prejuízo psíquico para o filho.

No caso que será tratado especificamente neste artigo, a filha ficara fixada no lugar que a mãe determinara, prejudicando-se com isso. A família permitira tal fato, o qual será analisado da maneira que foi apresentado pela paciente, buscando esclarecer seus aspectos psicodinâmicos e a perpetuação das relações perversas na vida adulta. A análise foi realizada por meio do material clínico reunido no processo psicoterapêutico, o que se baseou nas anotações feitas após o término de cada sessão.

## **DESENVOLVIMENTO**

A paciente chegou indicada por uma Clínica Psicológica. A queixa inicial dizia respeito a uma crise em seu relacionamento amoroso, que ela não conseguia resolver. Havia, no entanto, um caráter enigmático em seu discurso, em que a fonte de seu sofrimento não era facilmente identificável. Sua dor e desconforto, na verdade, pareciam anteriores à sua própria vida conjugal. Seu comportamento não se enquadrava completamente às suas queixas. Parecia um jogo.

Durante o processo terapêutico foi possível diagnosticar que a

paciente havia desenvolvido com a mãe uma relação sadomasoquista, da qual não conseguiu desvencilhar-se, mesmo depois do falecimento desta. A família (o pai e o irmão) aprovava e aceitava a relação tal qual estabelecida. A paciente, em muitos momentos da vida adulta, repetia as relações sadomasoquistas que vivera com a mãe, principalmente em seu relacionamento amoroso.

É a partir do material clínico que foi possível focalizar a relação perversa como uma defesa contra a ameaça, sempre presente, de uma psicose relacional familiar. É preciso esclarecer que está sendo usado o conceito de psicose relacional familiar de Bleger. Para ele, os membros do grupo familiar passam a vida toda, assim como no momento do seu nascimento, sem discriminação eu/não-eu. Não havendo esta distinção não se tem indício de individuação: a identidade é grupal. Para Bleger (1988) O núcleo aglutinado no adulto corresponde à parte psicótica da personalidade, como o que sobrou da mais primitiva organização psíquica da personalidade, anterior à posição esquizo-paranóide. A ansiedade característica deste grupo é a ansiedade confusional. Quando houver o surgimento de uma pequena discriminação é sinal de que está havendo conflito, o que leva à interação projetiva e introjetiva, que, por sua vez, levará ao surgimento das ansiedades paranóides e depressivas.

Para Klein (1975), a ausência de experiências boas vai originar o protótipo do seio mau, no qual é projetada a agressão do bebê, levando a um aumento da ansiedade persecutória, criando uma situação de risco psíquico. A paciente diz não ter lembranças boas da mãe, leva a crer que a mãe boa, que alimenta, que tem constância, não aparece com força na sua vida.

A mãe da paciente é ameaçadora, persecutória. A ambivalência fez com que parte do amor da filha se transformasse em ódio. Ao

mesmo tempo em que se via fixada na mãe, sentindo a necessidade de vigiá-la, por medo de perdê-la, desejava desvencilhar-se dela.

Guarda uma grande mágoa da mãe, que sempre a tratou mal. Cresceu acostumada a ser agredida fisicamente, por qualquer motivo. Quando pequena apanhava de vara. Pior: ela mesma tinha que escolher a vara para a surra. Em todas as referências feitas à mãe, fala de uma relação difícil, problemática.

Em razão deste passado traumático, noto que a paciente comporta-se como uma mulher com uma organização psíquica de características sadomasoquistas. Se pensarmos a partir do ponto de vista kleiniano, esta organização tem sua origem na primeira fase do desenvolvimento infantil. Nesta os medos persecutórios (instinto de morte) são muito fortes, não permitindo que a posição esquizo-paranóide seja elaborada, impedindo também a elaboração satisfatória da posição depressiva.

Como mostra Segal (1975), Klein acredita que, para que se diminua o medo persecutório, é necessário que o bebê receba gratificação de sua mãe ou de um substituto. Este mecanismo parece ter sido comprometido na primeira infância da paciente. As experiências reais de privação fizeram com que as suas fantasias de perseguição tomassem sentido. Seu ego passou a funcionar na tentativa de conter a ansiedade de perseguição por meio dos mecanismos de defesa.

As posições esquizo-paranóide e depressiva também fazem parte de um processo dinâmico, isto é, estarão sempre presentes no indivíduo, em maior ou menor grau. Se forem bem elaboradas, o indivíduo poderá transitar por elas com tranquilidade, sem que isso lhe cause sérios prejuízos. Se a posição depressiva for bem elaborada, a ansiedade depressiva não interferirá negativamente no indivíduo. Se não houver,

contudo, uma boa elaboração, o ego torna-se frágil e com isto a capacidade de recuperar os objetos bons internos e externos será afetada, podendo haver uma regressão à psicose.

Para Achatz (1992), se, no desenvolvimento da posição esquizo-paranóide, os medos persecutórios forem fortes, impedindo de chegar à posição depressiva, tem-se uma falha no desenvolvimento que pode acarretar os seguintes distúrbios: a psicose (nos casos mais graves), a neurose (nos casos mais brandos) e, também, uma organização psíquica com características perversas.

Em razão deste passado traumático, noto que a paciente comporta-se como uma mulher com uma organização psíquica de características sadomasoquistas.

Mas como falar de perversão e psicose, temas ainda hoje tão polêmicos, com a certeza de estar conduzindo o estudo no melhor sentido? Defini-los segundo certas normas, poderiam levar-me à repetição do que Procusto fazia com seus hóspedes. Segundo a lenda grega, Procusto era um bandido que hospedava viajantes perdidos. Deitava-os sobre uma mesa de ferro, e, se fossem mais longos do que a cama, cortava o que sobrava; mas se fossem mais curtos esticava-os à força. E não é este o trabalho de um psicanalista.

Herrmann (2001), coloca a questão nos seguintes termos:

A Psicanálise, como se sabe, cuida da doença psíquica. Nasceu como um tratamento para as neuroses. A absoluta maioria de seus praticantes trabalha em consultórios, atendendo pessoas que se querem curar. Tão forte é nossa vocação clínica que nos esquecemos daquilo que delimita a linha de horizonte da vocação da Psicanálise: tornar-se uma ciência geral da psique, uma teoria da alma humana (p.171).

A Teoria dos Campos é dirigida mais ao modo de operar a Psicanálise do que a uma concepção do sujeito, o que nos permite

transitar por várias concepções teóricas. Confere liberdade ao investigador, o que nem sempre é fácil de assumir.

O conceito de interpretante, sendo fundamental para repensar a Clínica, permitiu-nos, no caso em questão, a possibilidade de utilizar teorias como as de Maud, Mannoni, Melanie Klein, e outras.

Segundo Herrmann (1991), o interpretante, que aparece na análise, é formado por restos de interpretações anteriores, dos conhecimentos teóricos do terapeuta, tanto psicanalíticos quanto gerais. Durante a sessão analítica pode haver momentos em que o analista ache conveniente fazer uma interpretação, mas cabe ao interpretante permitir que aconteça ou não a ruptura de campo. Como se dá a ruptura de campo no processo analítico será discutido mais detalhadamente adiante.

De acordo com a Teoria dos Campos é possível observar, nesta paciente, que o campo, as regras de organização da relação mãe/filha, ainda não foi rompido. Tal fato pode ser comprovado pelo apego da paciente às relações sadomasoquistas.

Seguindo os caminhos da origem do psiquismo infantil poderemos mostrar com mais consistência a relação materno filial, e a sua repetição nas relações posteriores da filha, que vai servir de interpretante.

Há várias teorias que buscam explicar a origem do psiquismo. Freud e Klein, em muitos momentos, conseguem responder às demandas do analista, embora restem algumas lacunas a serem preenchidas. O analista deve ter muita sensibilidade para aguardar e não buscar ansiosamente teorias que preencham tais lacunas. Neste momento clínico a teoria se perde, podendo ser reencontrada mais tarde na sessão. Cabe ao analista saber identificar tal fato.

A Teoria dos Campos não nos dará a solução, mas nos permitirá pensar além do pequeno universo que estamos vivendo com nossos pacientes.

Para Herrmann (2001), no início da vida o bebê tem uma fantasia de onipotência, de autobastância, o que, no pensamento Freudiano seria o "eu-ideal". Neste momento o sujeito psíquico ainda não existe; logo, a fonte de satisfação ainda não está separada do sujeito. Com a perda da autobastância, isto é, de si mesmo, ele passará o resto de sua vida buscando-se nos outros, o que nunca terá fim. Esta perda de si mesmo dará origem ao luto primordial. Mais tarde o bebê passará a encontrar-se no "estado narcísico inicial", descrito por Freud. O bebê estará então completamente submetido às necessidades fisiológicas. Neste estado tudo se passa como se não houvesse qualquer espaço entre o ser necessitado e as coisas que lhe satisfazem ou não a necessidade. A idéia de uma atividade psíquica ainda é precária. A repetição das situações que passa a viver constantemente com a mãe, ou seu substituto, em que as necessidades fisiológicas são vitais, dá origem a uma comunicação inicial entre eles. Para a Teoria dos Campos existe aí um germe de uma comunicação em estado de proto-intencionalidade. Pode-se dizer que a comunicação passa a existir quando o bebê começa a perceber que pode obter prazer além das respostas as suas necessidades fisiológicas, vitais. É quando o bebê começa a chorar, não de fome ou de algum desconforto, mas buscando na realidade o carinho da mãe, o prazer de ter a mãe próxima acolhendo-o. Ele descobriu como romper o cerco das coisas materiais para poder ter sua mãe bem perto, e ela acredita que o chamamento do filho é devido a alguma necessidade fisiológica. Cria-se assim uma mentira.



É neste espaço psíquico relacional mãe//bebê criado pela mentira original que se dá o surgimento do psiquismo infantil.

Não podemos nos esquecer que anteriormente à mentira original, temos a perda da autobastância. Na autobastância existe a fantasia de que todos os prazeres podem ser satisfeitos dentro dele mesmo. Com a perda dela todo objeto de satisfação que vier em seguida não conseguirá atingir a completude que a autobastância oferecia. É então que aparecerá o luto da autobastância.

O luto acontece normalmente a cada vez que houver uma perda, e o indivíduo passará a buscar um objeto que substitua o que foi perdido. Entretanto, no caso da perda da autobastância, o indivíduo perde-se a si mesmo e passa a buscar-se no outro. A este processo dá-se o nome de luto primordial. O indivíduo passará o resto de sua vida buscando-se a si mesmo nos outros, o que o levará a mudar várias vezes de objeto de desejo.

O desejo é o inconsciente em ação, é ele que dá origem às nossas emoções. Desejamos tanto o querido quanto o detestado. Isto pode ser claramente observado em análise através do ato falho. Este acontece quando nossos pacientes nos falam algo que é o contrário daquilo que tinham a intenção de falar, e até se assustam. Mas, na realidade, foi naquele momento que o desejo deles, até então escondido, foi liberado. Tal fato acontece com todos os indivíduos.

Segundo a Teoria dos Campos, o indivíduo possui vários psiquismos, inconscientes relativos, desejos, que vivem em movimento no sentido de unir-se e de separar-se. A cada psiquismo é dado o nome de campo, e em cada um destes campos existem regras próprias que determinam as relações. Quando estamos em um campo ele torna-se

dominante e passa a ocupar o lugar do sujeito consciente sobre os demais, tomando conta das funções egóicas.

Na Psicanálise o eu ou o ego é visto de duas maneiras. O eu funcional, constituído por várias funções como: memória, motricidade, percepção e juízo entre outras, e o eu representação que é o conjunto de representações que vivem em movimento.

Na Teoria dos Campos, o eu representação e o eu função não são vistos como distintos, assim como na Psicanálise, o ego e o self. Além disto não são vistos como um Eu permanente, sujeito da sua consciência e de sua identidade. O eu representação e o eu funcional são interligados. O eu funcional pode ser preenchido por diferentes eus representação. Há uma "circulação de eus". Os conflitos psíquicos ocorrem entre estes eus quando da tentativa de ocupar o lugar do sujeito psíquico, visando realizar os desejos que por seu intermédio se representam.

O eu representação passará logo a ter o seu lugar disputado pelos outros eus. Em toda ação intrapsíquica, existem no mínimo dois eus em interação. A este processo a Teoria dos Campos deu o nome a isto, no processo intrapsíquico, de duplicação sub-reptícia do eu.

As mudanças de campos são protegidas pelo sentido de imanência, que tem como função garantir que aquele eu, que se torna dominante em um campo determinado, é o mesmo indivíduo, suprimindo assim a representação do campo anterior.

Desejo, real, identidade, realidade e representação são temas de importância fundamental na Teoria dos Campos. De acordo com ela o homem é o conjunto de suas representações, que representam a realidade e a identidade do indivíduo.

A função defensiva da representação é discutida por Herrmann (1993) em seu texto "O Escudo de Aquiles". Para ele o escudo das representações do ser humano é constituído na sua parte externa, convexa, pelo mundo real, pela realidade, e na parte interna, côncava, pelo desejo e pela identidade.

A realidade tenta representar o real, que é regido por regras inconscientes. Já a identidade busca representar o desejo, que seria um real diferenciado, produzido segundo regras muito particulares. Esta diferenciação, pela sua especificidade, é que distingue um indivíduo do outro. A realidade e a identidade encontram-se na superfície representacional.

Por ter a sua origem no real, o desejo busca retornar a ele. Para que isto aconteça, percorre um caminho no qual passa a criar várias identidades, o que vai permitir a movimentação da superfície representacional. Cabe aqui ressaltar que este processo do desejo buscar retornar ao real é bastante delicado, uma vez que o distanciamento entre eles poderá movimentar a superfície representacional, facilitando o trabalho analítico. Caso o desejo não consiga se distanciar do real e se misturar a este, haverá um contágio, o qual dará fim à identidade do indivíduo. Logo, a superfície representacional tem a função de defender o indivíduo de mergulhar no real.

Citando Herrmann (1992):

A superfície da representação, como qualquer superfície geométrica, só tem um lado, quando considerada em si mesma. Porém, como esta serve tanto para unir como para separar dois reinos, o homem de seu mundo, é melhor que pense, paradoxalmente, que a inscrição, ainda que seja uma só, possui duas faces virtuais – e nem sempre virtuais, pois há condições concretas, como as psicoses, que nos obrigam a considerar o dilaceramento da superfície de representação de identidade e realidade e mesmo inversões da posição relativa de lados opostos (p.183).

As representações são sustentadas pela crença. Quando a identidade e a realidade caminharem em harmonia, a crença estará presente, embora não apareça. Ela se manifestará quando houver desencontros entre a realidade e a identidade, na tentativa de compatibilizá-las.

Quando na situação analítica o paciente, através de associação livre, fala o que lhe vem à mente, ele está expressando a sua relação com a realidade. Já o analista, que escuta as falas de seu paciente sob um outro ângulo, isto é, em um outro campo, busca a identidade que o paciente tenta esconder. Em algum momento da sessão poderá surgir uma representação da qual apenas o analista se dá conta. Esta representação não está presente no campo em que o paciente se encontra, mas em um campo transferencial, onde o analista fará sua interpretação. Pode haver uma ruptura de campo, que não permita ao paciente sustentar as representações que mantêm sua identidade. O paciente neste momento fica no campo rompido esperando que este se recomponha, embora ele não volte à situação inicial. A este momento dá-se o nome de expectativa de trânsito.

Para Herrmann (1993)

Nesse momento, o paciente que já não consegue representar de forma costumeira está provisoriamente suspenso no vazio, à espera de nova representação. A isso chamamos expectativa de trânsito (do trânsito entre uma representação e outra), e é como a situação crítica do herói que, saltando de árvore a outra em um cipó, se desse subitamente conta no ar de que cipó não há e, pior, que não sabe sequer se é o herói, o macaco ou sabe-se lá quem. A expectativa de trânsito é operacionalmente a razão de ser (ou matriz metodológica) da angústia provocada pelo processo analítico: uma suspensão no vazio representacional" (p. 71)

As representações descobertas pelo analista, que se encontravam na periferia da superfície representacional, são levadas até a consciência do paciente. De lá, por não haver um campo onde possam ser organizadas, elas voltam para dentro do indivíduo e passam a girar dentro dele. Herrmann (1999) nomeia esta situação de vórtice, ou seja, "quando a ruptura de campo, pelo processo de vórtice, liberta as representações anômalas, híbridas de identidade e realidade, cronologicamente desatualizadas, é como se estivesse perdido o sujeito normal, o eu de referência." (p.217)

A partir daí uma nova identidade será rapidamente construída.

No trabalho analítico o analista busca compreender estes eus que foram deslocados. Em alguns pacientes pode acontecer que um eu fique muito tempo no lugar do sujeito, não permitindo que seja deslocado pelos demais. Tal fato impede que as necessidades dos outros eus sejam trabalhadas em análise. Não podemos nos esquecer que na criação do psiquismo infantil, a partir da mentira original, criam-se representações fortes, que fazem com que os indivíduos assumam uma identidade (a do eu dominante) e que pretendem manter a todo custo. Tal identidade é aceita pelos outros, e a rotina é que estimula a sua manutenção, pelo fato de reduzir a possibilidade de outras representações. Pode-se dizer que a rotina é um complemento exterior do sentido de imanência na vida psíquica dos indivíduos.

É na análise que podemos tirar nossos pacientes da rotina. A criação do campo transferencial fará com que surjam rupturas de campo, crises de identidade, acarretando novas representações. Na Teoria dos Campos a transferência é definida como um campo que não deve ser rompido. Nele, os fenômenos internos e repetitivos do paciente surgem e devem ser percebidos pelo analista, para que o processo de

análise possa ter prosseguimento.

Para compreender melhor o processo analítico, no qual a transferência é fundamental, contribui a conceituação de seus três tempos, que, Herrmann (2001) define como as três formas de escuta do analista:

1. O tempo curto, tempo da escuta da palavra, da técnica psicanalítica, presente tanto na livre associação como na atenção flutuante. Deve-se deixar que as palavras surjam para então as tomarmos em consideração.
2. O tempo médio, em que se dá a transferência pelo vínculo emocional que é criado entre analista e paciente.
3. O tempo longo, o da própria história do Homem Psicanalítico, cuja história de vida se projeta na história da análise, ganhando a forma do destino do analisando. É um momento muito importante da análise, que foge da percepção do paciente, cabendo ao analista fazer o seu diagnóstico neste campo transferencial, e estabelecer uma estratégia de intervenção, rompendo conseqüentemente a circularidade do jogo do paciente.

O analista deve vivenciar o tempo longo, pois a qualquer tempo da análise poderá surgir algo que, ao chamar a sua atenção, o remeterá ao que já foi apreendido anteriormente. O analista poderá assim estabelecer interligações e novas interpretações, obtendo uma ruptura de campo e rompendo a circularidade do jogo. Esta descoberta deve ser comemorada (celebração partilhada do sintoma) transferencialmente com o paciente (tempo médio). Isto é possível porque os três tempos são simultâneos, não cronológicos.

Nos primeiros contatos, a paciente, sempre desconfiada falava

com muita objetividade e desejava que o inverso também acontecesse. Dizia ter muito medo da dor. Para evitá-la fazia tudo para manter a Fibromialgia, doença que apresentava, sob controle. Tinha criado uma rotina em sua vida, tanto nas atividades diárias quanto em relação à medicação, e procurava não fugir dela. Logo começa a intercalar sua história atual com lembranças vividas em sua relação com a mãe. Conta por exemplo que a mãe lhe dava animais e quando ela se apegava a eles a mãe subitamente os doava, sem o consentimento da filha, a presença da mãe era uma constante. Em uma das sessões seguintes faz um silêncio e disse: "Os terapeutas ralam a alma com ralador". Naquele momento voltei meu pensamento para as nossas primeiras sessões, quando ela falou sentir medo da dor, da sua necessidade de controle e da rotina para fugir dela. O processo psicoterapêutico, entretanto, se bem sucedido, faz com que as referências rígidas sejam perdidas, possibilitando mudanças. Tal fato estava acontecendo devido a transferência que estava acontecendo entre a paciente e a terapeuta.

Podemos concluir, a partir do que foi dito a respeito do processo analítico, que a análise é um processo lento, podemos até dizer artesanal. Não é possível resolver as dificuldades que afligem nossos pacientes rapidamente, o que muitos não conseguem entender.

A maior parte de nossos pacientes procura a psicoterapia para uma cura. Mas curar-se de quê? Geralmente de algo que os incomoda a ponto de não permitir que caminhem em suas vidas com tranquilidade. Outras vezes porque algum médico ou conhecido lhe chamou a atenção para um sintoma que, para ele paciente, já é parte de sua natureza, de sua vida. Mas as outras pessoas percebem que alguma coisa está errada, que aquilo o prejudica, conseguindo que ele procure a ajuda de um profissional. O sintoma é apenas a ponta de um iceberg, o que há

por baixo do que nos é apresentado será descoberto durante o desenvolvimento do processo analítico. É por esta razão que o desaparecimento do sintoma não significa a cura do indivíduo, e os nossos pacientes devem ter consciência disto.

Na Teoria dos Campos, a cura não significa o final do tratamento, o que importa é o processo como um todo. O objetivo da cura é cuidar do desejo. No caso aqui apresentado, o desejo de Ana muitas vezes está misturado ao desejo da mãe, o que torna sua vida mais restrita. Isto porque na perversão a circulação de eus não se dá com tanta liberdade quanto nas neuroses. Nas neuroses é possível que o indivíduo consiga organizar sua história. Nesta condição, ele irá caminhar por várias possibilidades, exercitando assim a circulação de seus eus, podendo mudar de campo. Já nos pacientes psicóticos o problema é mais sério, nesses a resistência produz uma rigidez que não permite a circulação de eus, o desejo então mergulha no real, acontecendo o contágio.

## **CONCLUSÃO**

No caso aqui apresentado, podemos supor que a paciente tenha uma falha em sua representação. A restrição de sua realidade aparece nas relações perversas que cria em sua vida, principalmente na relação sadomasoquista que vivenciou com a mãe.

Com a psicoterapia seu desejo começou a surgir, o campo mãe/filha ainda não foi rompido. Acredito ser necessário ainda muito para que consiga romper definitivamente este campo da mãe, pois só assim poderá ser dona de seu desejo.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHATZ, M. H. **"A Perversão na Relação Analítica"**. In: Boletim de Formação em Psicanálise. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, 1992, v. 2, no.1, p.25-38

BLEGER, J. **Simbiose e Ambiguidade**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

ESQUIVEL, L. **Como Água para Chocolate**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HERRMANN, F. **O Método da Psicanálise: Andaimos do Real**. São Paulo: Brasiliense, 1991

HERRMANN, F. **O Divã a Passeio**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

HERRMANN, F. **Clínica Psicanalítica: a Arte da Interpretação**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

HERRMANN, F. **Introdução à Teoria dos Campos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

KLEIN, M. **Psicanálise da Criança**. São Paulo: Mestre Jou, 1975.

MANNONI, M. **A Criança Retardada e a Mãe**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SEGAL, H. **Introdução à Obra de Melanie Klein**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.